

E o dia de protesto nos hospitais. O Suds promete atendimento.

Embora hoje seja o dia nacional de paralisação dos serviços hospitalares para os segurados da Previdência Social, o secretário da Saúde, José Aristodemo Pinotti, prometeu que ninguém ficará sem atendimento médico em São Paulo. Para garantir o atendimento, ele determinou ontem que haja médicos de plantão, durante 24 horas, nos centros de saúde, prontos-socorros e hospitais mantidos pelo poder público na região da Grande São Paulo.

Em sua condição de responsável pelo Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds) no Estado de São Paulo, Pinotti revelou que se opõe à paralisação dos serviços hospitalares como recurso para atendimento às reivindicações dos proprietários de hospitais particulares. A seu ver, não é apenas a paralisação que está errada, mas qualquer tipo de greve — de médicos ou de outros profissionais — nos serviços de saúde.

Apesar disso, o secretário da Saúde reconheceu que os representantes da rede hospitalar privada estão agindo corretamente, quando reivindicam um pagamento justo e atualizado para os serviços prestados à população atendida pelo Suds. "Enquanto o Suds paga pontualmente os serviços prestados nos ambulatórios dos hospitais, o Inamps atrasa por 90 dias o pagamento das internações hospitalares", diz Pinotti.

Além de prometer plantões de 24 horas para médicos em serviços públicos de saúde na região da Grande São Paulo, o secretário da Saúde acrescentou que também haverá plantões nos 62 Escritórios Regionais de Saúde (Ersas), que cobrem todas as

cidades no interior paulista. Segundo ele, caberá aos dirigentes dos Ersas adotar as medidas necessárias ao atendimento médico em todas as regiões do Estado.

O secretário acrescentou que tinha sido informado sobre "um bom número de hospitais benéficos e filantrópicos — santas casas de misericórdia, por exemplo — que não deverão aderir à paralisação dos serviços". Para ele, essas instituições não concordam com o recurso à greve para o atendimento de reivindicações.

Apesar dessas afirmações de Pinotti, o médico Chafic Wady Farhat, presidente

do Sindicato dos Hospitais no Estado de São Paulo, assegurava ontem ter recebido de aproximadamente 600 hospitais particulares claras manifestações de adesão à paralisação dos serviços. A cada dia, calcula Farhat, os hospitais privados paulistas prestam serviços a quase oito mil pacientes. Desse total, 15% representam casos com risco de vida que terão atendimento em qualquer hospital, mesmo nos paralisados.

De acordo com a Secretaria da Saúde, as informações sobre os locais que manterão plantão poderão ser obtidas pelos telefones 221-5794 (Santa Cecília), 215-1319

(Vila Prudente), 944-9632 (Itaquera), 261-4046 (Nossa Senhora do Ó), 255-2722 (Consolação), 291-2111 (Penha), 950-6256 (Mandaqui), 521-6677 (Santo Amaro), 449-3493 (Santo André), 703-2499 (Osasco), 461-2999 (Mogi das Cruzes), 450-7788 (Mauá), 495-2444 (Itapeverica da Serra) e 432-5539 (Franco da Rocha). Além disso, qualquer informação sobre plantões na capital poderão ser conseguidas pelo telefone 1520.

Outros Estados

Os 269 hospitais da rede particular conveniados com o Inamps no Estado do Rio decidiram suspender por 24 horas, a partir da zero hora de hoje, os atendimentos ambulatoriais aos previdenciários, aderindo ao movimento que atinge todo o País. De acordo com o diretor executivo da Federação Brasileira de Hospitais, Cori Acioli, a paralisação é um protesto contra o atraso do Inamps no pagamento referente à assistência prestada aos previdenciários durante os últimos dois meses.

E, em Minas Gerais, cerca de 400 hospitais particulares deverão interromper hoje o atendimento médico aos segurados da Previdência Social nos 723 municípios do Estado. No Dia Nacional de Paralisação, a categoria interrompe o atendimento por 24 horas, em advertência às autoridades do governo pelo "descaso" com a área de saúde no Estado e no País. Os hospitais particulares de Minas são responsáveis por 70% dos atendimentos em ambulatórios e 85% das internações.

**JORNAL DA TARDE AZT para
aidéticos: veja quem
está credenciado.**

Em todo o Brasil, apenas cinco hospitais e quatro médicos — com consultórios particulares — estão credenciados pelo Ministério da Saúde para comercializar o AZT. O medicamento, à base de zidovudina, é utilizado no tratamento de aidéticos. A chefe da Divisão Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids (DNDST), Lair Guerra de Macedo, negou que os hospitais e médicos interessados no credenciamento para comercialização do AZT estejam esbarrando na burocracia do Ministério da Saúde. "O processo é o mais simples possível, evitando todas as burocracias, segundo, é claro, alguns critérios", informou Lair.

O ministério exige das entidades e

profissionais credenciados que tenham um corpo clínico de médicos com treinamento formal em áreas relacionadas ao manejo das doenças infecciosas ou uso de drogas mielotóxicas, normas de segurança, enfermeiras treinadas no tratamento de pacientes com Aids, entre outros critérios.

Foram credenciados: a Casa do Hemofílico, no Rio; o Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, e o Hospital das Clínicas, em São Paulo; o Hospital Oswaldo Cruz, em Curitiba; e o ambulatório de imunodeficiência, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Lair Guerra de Macedo não quis divulgar o nome dos quatro profissionais credenciados.